

Brasil é tema de semana erudita nos EUA

Compositores e intérpretes se apresentam em abril como solistas da American Composers Orchestra

GABRIEL BASTOS JUNIOR

A American Composers Orchestra (ACO), uma das mais importantes sinfônicas independentes dos EUA, vai dedicar uma semana inteira à música erudita contemporânea brasileira. De 7 a 14 de abril, ela realiza o *Sons das Américas: Brasil*, que tem como centro o Carnegie Hall e conta com a participação de 18 artistas nacionais, entre compositores e intérpretes.

A comitiva brasileira conta com alguns nomes conhecidos do grande público, como Egberto Gismonti, Arrigo Barnabé e Tim Rescala. Outros não tão famosos têm uma vasta história no meio musical, como os duos de percussão Diálogos e de violões Assad e as pianistas Cristina Ortiz (solista convidada da Royal Philharmonic Orchestra) e Beatriz Roman.

O grande mérito do evento é abrir espaço e chamar a atenção para um volume de compositores contemporâneos brasileiros que não costuma ter muito espaço para apresentar suas obras e tem uma riqueza musical tão grande quanto à comumente associada à nossa música popular. Fazem parte desse volume: Paulo Chagas, L.C. Cseko, Arthur Kampela, Edino Keiger, Osvaldo Lacerda, Vânia Dantas Leite, Paulo Costa Lima,

Art Vicentini/AE — 7/8/93



Barnabé: 'Clara Crocodilo'

José Augusto Mannis, Ronaldo Miranda, Gilberto Mendes, Marlos Nobre, Jocy de Oliveira, Almeida Prado, Marisa Rezende, Rodolfo Coelho de Souza, João Carlos Dalgalarrondo e Ricardo Tacuchian.

Debates — Alguns dos compositores são intérpretes de suas próprias obras e vão se apresentar com os devidos acompanhamentos (Gismonti, por exemplo, toca *O Frevo* à frente da ACO). Outros participam de debates, workshops e, principalmente, discussões antes e depois das apresentações de suas peças, uma prática comum nos EUA.

A programação inclui ainda peças de grandes compositores que não poderiam ficar de fora, como Villa-Lobos, Radamés Gnattali, Guerra Peixe e Camargo Guarnieri, referências para a música brasileira deste século, e, contempora-



Tim Rescala: um dos famosos

neamente, Hermeto Pascoal. Outros autores que não estarão presentes, mas têm obras na programação, são Flô Menezes, Silvio Ferraz e Eduardo Álvares.

Segundo Jesse Rosen, coordenador do festival, a comitiva brasileira é duas vezes maior do que o planejado inicialmente. "As opções eram tantas que tivemos de ampliar o projeto", admite. Assim, ele acaba fazendo um painel mais do que generoso da produção musical brasileira, maior do que se costuma abrir espaço por aqui.

Esse mesmo espírito é a base do trabalho da ACO desde sua fundação em 1977, mas inicialmente era uma atuação mais voltada para

Otávio Magalhães/AE — 2/9/93



Egberto Gismonti: 'O Frevo'

compositores contemporâneos americanos, que careciam de espaço tanto quanto os brasileiros. "As orquestras apresentam sempre

peças de autores mortos há muitos anos, que viveram na Europa", ironiza Rosen. Por isso, um grupo de músicos interessados em novos autores se reuniu para criar a sinfônica, o que há de mais alternativo na música

erudita americana. Até hoje, todos os seus integrantes mantêm outros trabalhos, o que explica o alto nível e o prestígio da sinfônica nos EUA.

Aos poucos, o espaço para novos compositores aumentou, em parte pela atuação da ACO. A orquestra procurou novos caminhos.

DUO DIÁLOGOS FAZ DOIS RECITAIS PRÉVIOS



Beatriz Roman: solo de piano

Assim, surgiu em 1994 o *Sonidos de Las Americas*, um festival voltado para a música da América Latina. Cada ano tem um país como tema — os dois primeiros foram México e Venezuela. "Se dependesse de riqueza e vontade, provavelmente o Brasil seria o primeiro", diz Rosen. "Mas o volume de opções era tão grande que precisávamos de alguma experiência para conseguir fazer direito."

Vínculo — O evento também procura criar um vínculo entre latinos e norte-americanos, entre eles, Philip Glass. Os outros são Miguel Del Aguila, Hohn Duffy, Anthony Kelly, David Lang, Ingram Marshall e Augusta Read Thomas. O objetivo é que as experiências — e as obras — dos dois mundos se cruzem. "O melhor exemplo é uma peça mexicana, apresentada no festival, que já foi executada



Cristina Ortiz: pianista clássica

por 16 orquestras nos EUA desde então", se orgulha Rosen.

Várias das peças previstas na programação são conhecidas do público brasileiro, mesmo algumas das mais recentes. Arrigo Barnabé, por exemplo, apresentou no Teatro Municipal, em dezembro do ano passado, sua peça para dois pianos e três percussões baseada em *Clara Crocodilo*, sua obra mais famosa.

O Duo Diálogos de percussão e música eletroacústica, uma das principais referências do evento, por ser intérprete importante de vários compositores contemporâneos brasileiros, faz uma espécie de aquecimento para o evento. Hoje e amanhã, às 21 horas, com entrada franca, no Instituto Cultural Itaú (Av. Paulista, 149), apresenta várias peças do mesmo repertório que será feito com a ACO.

FOLHA DE SÃO PAULO

8 mar 96

ILUSTRADA

D-5